

Senado encerra casos de bomba e seqüestro

O caso da bomba de plástico colocada na galeria de honra do Senado Federal e a investigação das ameaças de morte recebidas pelo senador Dirceu Cardoso (ES, sem partido), poderão, de acordo com declaração feita ontem pelo Supervisor da Comissão de Sindicância, senador Jutahy Magalhães, ser encerradas. Já o caso de seqüestro e tortura do funcionário José Acelino, deverá ser entregue, assim que possível, à Polícia Federal ou civil, para constituição de um Inquérito Policial.

"Não temos nenhum elemento para apontar um culpado no caso da bomba de plástico colocada no Senado, e como a Comissão de Sindicância não levantou nenhum fato novo, o caso será encerrado", informou o Senador Jutahy Magalhães. E quanto à denúncia feita pelo Senador Dirceu Cardoso, que acusava como responsável pela colocação da bomba de brincadeira no Senado uma briga interna existente dentro do corpo de segurança da casa, o Senador Jutahy afirmou: "Estou preocupado em não desmoralizar a segurança da Casa".

Já o Presidente do Senado Federal, senador Jarbas Passarinho, distinguiu os dois acontecimentos - o caso da bomba e o do rapto e tortura de José Acelino - e disse que "no caso da bomba não poderíamos ter

chegado a um culpado, pois são muitos funcionários - quase 2500, contando com a Gráfica e o Prodasen - mas admito que possa ser resultado de uma divergência interna da segurança do Senado, com elementos querendo desestabilizar a atual chefia para depois poder assumi-la".

Com relação ao funcionário José Acelino de Almeida - funcionário do PRODASEN, mas atualmente lotado no gabinete da 3ª Secretaria do Senado a cargo do Senador Itamar Franco (PMDB-MG) - foi marcada uma entrevista exclusiva à reportagem deste jornal para ontem, a qual José Acelino não compareceu, além do fato de ele não ter procedido à verificação das fotografias do acervo do setor pessoal do Senado, para então tentar localizar os elementos que, segundo ele, estariam envolvidos na colocação de um aparelho não identificado no Gabinete do Senador Itamar Franco.

O Presidente do Senado informou, ontem, que o carro no qual Acelino foi raptado e transportado, quando de sua tortura, de marca Opala, na cor de café com leite e de chapa AC-2448, não foi identificado nos arquivos do Detran/DF, que respondendo a um pedido oficial do Senador, identificou dois carros com esta placa, ambos pertencentes a mulheres. Um de marca Volkswagen de

cor vermelha e o outro um Chevrolet de cor amarela.

DIVERGÊNCIAS

Na verdade existe uma divergência interna no corpo de segurança do Senado Federal - que é composto de 224 funcionários, divididos entre agentes, inspetores (138) e outros, lotados em gabinetes ou servindo como motoristas - que estaria em conflito pela alteração feita na época em que o Senador Alexandre Costa (PDS-MA) era o 1º Secretário do Senado, dividindo a chefia da segurança em duas equipes, chefiadas por dois inspetores com a mesma hierarquia, o que provocou dificuldades entre os membros da segurança.

Ao saber do salário de um segurança do Senado, que vai de, no mínimo, Cr\$ 150 mil a Cr\$ 220 mil, o Senador Dirceu Cardoso ficou indignado, afirmando que vai fazer um discurso veemente nos próximos dias, e exclamou: "Como um elemento desses ganha um salário quase igual ao salário direto de um Senador e nem sequer são profissionais, e sim elementos provindos do corpo de motoristas da Casa e de agentes de portaria? A informação sobre o valor dos salários foi confirmada pelo Senador Jutahy Magalhães, que adiantou ter em mãos mais de 50 pedidos de transferência de motorista para segurança.